

O tempo não para: Relato de desafios do ensino (pós)graduado de História da Psicologia

Time doesn't stand still: the challenges of History of Psychology (post)graduate teaching

Renata Lira dos Santos Aléssio

 <https://orcid.org/0000-0001-8548-2771>

Universidade Federal de Pernambuco
Brasil

Resumo

O presente relato descreve atividades de ensino de História da Psicologia no Mestrado e na graduação em Psicologia de uma universidade pública do Nordeste nos últimos dez anos. São apresentadas as ementas das disciplinas lecionadas (História da Psicologia – Teoria e Métodos, no Mestrado; e Epistemologia e História das Teorias Psicossociais, na graduação), seus objetivos e formas de avaliação, com destaque para adaptações nas formas de fazer e avaliar durante o período da pandemia de COVID-19. São discutidos os elementos em comum entre as duas experiências, bem como as suas especificidades, além dos desafios para uma maior integração do contexto ibero-americano e nacional.

Palavras-chaves: psicologia social; ensino da psicologia; COVID-19.

Abstract

This report describes teaching activities in the History of Psychology in the Master's and undergraduate Psychology programs at a public university in the Northeast of Brazil over the last ten years. The syllabuses of the subjects taught (History of Psychology – Theory and Methods, in the master's, and Epistemology and History of Psychosocial Theories, in the undergraduate program), their objectives and forms of evaluation are presented, with emphasis on adaptations in the ways of doing and evaluating during the period of the COVID-19 pandemic. The elements in common between the two experiences are discussed, as well as their specificities, in addition to the challenges for greater integration of the Ibero-American and the national context.

Keywords: social psychology; psychology teaching; COVID-19.

O presente artigo tem como objetivo relatar minha experiência de ensino de História da Psicologia nos últimos dez anos para Pós-Graduação (Mestrado em Psicologia, PPGPsi) e graduação em Psicologia no âmbito de uma universidade pública do Nordeste, a Universidade Federal de Pernambuco. Penso que me tornei professora de aspectos históricos da Psicologia por contingências institucionais e ao longo de minha trajetória acadêmica tenho desenvolvido um interesse por reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem. Para entender os condicionantes atuais da minha prática docente, preciso apresentar alguns elementos contextuais que caracterizaram minha formação e que me fizeram circunstancialmente professora desta disciplina. Ensinar história da Psicologia tem sido uma das atividades mais importantes e desafiadoras de minha atuação docente. A ausência de conteúdos pedagógicos voltados para a formação como docente durante a pós-graduação torna nossa tarefa muitas vezes solitária – quais pressupostos sobre processo ensino-aprendizagem devo adotar? – e a prática de sala de aula é onde ocorre o lócus de aprendizado efetivo. Uma parte desse desafio se deve ao fato de que a docência no ensino superior é um exercício profissional cuja aprendizagem aconteceu a partir da minha experiência de ser discente, vivenciando práticas que me inspiraram sobre como fazer e sobre como não fazer em sala de aula.

Cursei graduação em Psicologia entre 1999 e 2004 na mesma universidade onde sou docente adjunta há cerca de dez anos. Fiz pós-graduação (Mestrado e Doutorado em Psicologia) em uma universidade francesa, entre 2005 e 2012. Na instituição francesa, não fui exposta a debates ou conteúdos sobre História da Psicologia. Meu interesse por História da Psicologia *não* foi despertado na disciplina que me foi ofertada na graduação ao final dos anos 1990: conteúdos ritmados pela suposta sucessão de 'sistemas' que eram apresentados por grupos de estudantes em formato de 'seminário'. De fato, neste momento do currículo nacional da graduação em Psicologia, o ensino da disciplina de História da Psicologia era marcado por "um levantamento de fatos mais imediatos que antecederam essa ou aquela abordagem, esse ou aquele sistema de ideias" (Cambaúva et al., 1998, p. 215). Uma semente de repulsa me foi plantada por essa forma de trabalhar uma temporalidade linear e pela postura *laissez-faire* docente de delegar por completo o processo ensino-aprendizagem à turma. Minha curiosidade foi despertada em outro curso que *a priori* não estava relacionado à historicidade da Psicologia: Introdução à Psicologia Clínica. A professora responsável me apresentou às reflexões de Luiz Cláudio Figueiredo sobre 'matrizes do pensamento psicológico' (Figueiredo, 2014) e sobre a 'invenção do psicológico' (Figueiredo, 2007). Essa história tocava em aspectos epistemológicos da constituição de subjetividades e das próprias condições de surgimento da Psicologia como ciência e era, portanto, muito diferente da centrada em 'fatos objetivos' e datáveis, muitas vezes desconexos e fragmentados.

A lente apresentada sobre História da Psicologia em meados do meu quinto semestre de graduação foi incorporada ao meu ofício docente. Esse olhar que pro-

curo fomentar entre estudantes de graduação e pós-graduação: menos centrado em 'sucessão' de conteúdos e datas e mais sensível às visões de mundo e de sujeito que se afrontam na construção dos saberes psicológicos. O foco da minha prática pedagógica tem sido a reflexão sobre *processos*. Aprender sobre o passado é uma forma de melhor compreender a atualidade e projetar futuros, porém ainda é frequente a tentativa de estabelecer linearidades causais (Mota et al., 2018), focando assim em 'produtos históricos diretos'. Do ponto de vista pedagógico, busco me apoiar na perspectiva freiriana de que "ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção" (Freire, 1996, p. 12). Neste sentido, tenho exercitado em sala de aula a criação de um ambiente seguro para o debate de ideias que fomentem a autonomia discente para o aprendizado e para que cada estudante se sinta parte da História da Psicologia em suas dimensões situadas e locais. Isso porque apresentar a construção do pensamento psicológico científico como não sendo tributária de condicionantes contextuais, culturais e políticos "dá a conotação de que a ciência em estudo (no caso a psicologia), 'aparece' na história do pensamento de forma casuística, como se fosse obra de alguns homens geniais quando têm a revelação do conhecimento" (Cambaúva et al., 1998, p. 235).

O pressuposto teórico sociointeracionista de que o ser humano se constrói nas interações sociais em um contexto histórico e cultural específico é minha lente de leitura dos fenômenos psicológicos que aplico como prisma analítico dos conteúdos programáticos apresentados em sala de aula nas disciplinas que tenho oferecido na graduação e pós-graduação. Apesar de encontrarmos uma literatura que discute a formação em Psicologia (Bernardes, 2012; Bock, 2015), existem poucos artigos que problematizam o ensino da Psicologia, em especial de História da Psicologia (Jacó-Vilela, 2012; Mota et al., 2018). Para o presente relato de ensino, estruturei três tópicos nos quais apresento aspectos institucionais (ementas, carga horária) e pedagógicos (formas de fazer, formas de avaliar) discutindo desafios que tenho enfrentado: História da Psicologia na pós-graduação: teorias e métodos, História da Psicologia na graduação: Epistemologia e História das Teorias Psicossociais e síntese sobre transversalidades práticas do ensino.

História da Psicologia na pós-graduação: teorias e métodos

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia iniciou em 2006 e já previa na matriz curricular do curso de Mestrado, a disciplina História da Psicologia – Teorias e Métodos (HPTM). Trata-se de uma disciplina obrigatória do Mestrado em Psicologia com 60h de aulas teóricas e tem como ementa: *as grandes orientações teórico-metodológicas atuais da Psicologia, seus diferentes níveis de análise e sua relação com o desenvolvimento histórico da Psicologia: principais temas e conflitos que antecederam à institucionalização da Psicologia*. Tive a oportunidade de lecionar essa disciplina repetidas vezes desde 2013, transformando pouco a pouco as formas de

trabalhar seus objetivos e consequentemente adaptando seus conteúdos. Uma das primeiras dificuldades com as quais o PPGPsi se defrontou no ensino desta disciplina é a escassez de especialistas na área no próprio corpo docente da instituição. Para paliar essa condição, durante alguns semestres, logo no início do curso, a disciplina foi ofertada com uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Psicologia e outro PPG da Universidade Federal de Pernambuco. Duas colegas acompanharam essas aulas dividindo a disciplina, guardando a dinâmica de estar as duas sempre juntas em sala de aula. A presença do binômio garantia uma linha de continuidade de discussão e enriqueceu os debates em sala. Guedes (2008) conta história parecida no momento de criação do Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, não havia na década de 1980, docentes com essa especialidade e foi necessária uma parceria para oferta.

Minha primeira experiência em sala de aula se deu em 2013, nesse contexto: a disciplina era dividida em 30h para cada docente, porém as duas estavam em sala de aula ao longo do curso. O objetivo da disciplina foi promover uma reflexão sobre o percurso da Psicologia, indicando as tensões e desdobramentos na construção da Psicologia e seus fios condutores; as diferenças e semelhanças epistemológicas, metodológicas e teóricas existentes nas diferentes perspectivas ou teorias da Psicologia. Os conteúdos foram divididos em três unidades: (a) a trajetória da Psicologia para tornar-se ciência; (b) as noções de sujeito e as tensões entre natureza e cultura; (c) as noções de sujeito e as tensões entre individual e coletivo.

O foco da primeira unidade centrava-se na consolidação da Psicologia como ciência, com discussão sobre o múltiplo surgimento da Psicologia (Ferreira, 2007), o estudo do comportamento no contexto soviético (Souza Junior et al., 2007), o estudo do comportamento em Watson (1913) e Skinner (1976) e a Gestalt (Engelmann, 2002). O texto “Behaviorismo de ontem e de hoje” (Tourinho, 2011) era um forte momento de debates em sala de aula, com relatos sobre uma redescoberta desta perspectiva e de suas intersecções com outras abordagens dentro e fora da Psicologia. Na segunda unidade, era explorada a dicotomia natureza *versus* cultura e seus desdobramentos no desenvolvimento da Psicologia, especialmente através de discussões e exemplos no campo da Psicologia do Desenvolvimento (Bruner, 1997; Bussab, 2000). Na última unidade, o foco sobre a relação indivíduo e sociedade era dado no campo da Psicologia Social, a partir de leituras de Moscovici (1988), Camino e Torres (2011), mas também pela introdução da discussão sobre História da Psicologia no Brasil (Massimi, 2007; Rosas, 2010). Destaco fortemente que a escolha dessa organização de conteúdos não é mérito da minha experiência, sendo fruto do trabalho das professoras decanas em intercâmbio com o professor decano de outra universidade.

Para o desenrolar das aulas, cada estudante deveria previamente elaborar no máximo 3 perguntas sobre o texto indicado para aquele dia. Em sala, eram formados pequenos grupos que escolhiam uma pergunta para responder e apresentar

ao grande grupo. Como processo avaliativo, para cada unidade era solicitado um pequeno ensaio individual (de, no máximo, 3 páginas), consistindo a avaliação na redação de três ensaios que buscavam sintetizar as principais tensões que envolveram o percurso da Psicologia e as tentativas de resolução sugeridas pelas diferentes correntes de pensamento.

Minha primeira experiência como única responsável pela disciplina ocorreu em 2014 e exigiu adaptações nas formas de fazer, em função de minhas possibilidades como docente iniciante na carreira e de uma avaliação geral da disciplina, com demandas por uma discussão metodológica e por mais contextualização sociopolítica. Desta forma, mantive o objetivo original já explicitado e reorganizei os objetivos específicos em dois: analisar os principais fatores sociais, culturais, políticos e institucionais que influenciaram o desenvolvimento da psicologia; identificar os principais debates e temas que animaram a constituição de teorias e métodos de pesquisa na interface com outras ciências. A nova reconfiguração levou a duas unidades de conteúdo, mantive a primeira ('Trajetória da Psicologia para tornar-se ciência') e dei uma ênfase maior às questões metodológicas com a unidade 'Observar, quantificar e compreender: batalhas teórico-metodológicas'.

A primeira unidade guardou as mesmas indicações bibliográficas anteriores, com o acréscimo de Farr (2000) destacando a emergência da psicologia como ciência natural e social e Köhler (1978), texto original sobre a Gestalt. Busquei inserir na bibliografia textos originais de autores que seriam lidos ao longo do curso (Lewin, 1973) na intenção de encontrar em suas próprias vozes, debates de ideias e busca por hegemonia. A título de brincadeira com a turma e como forma de ilustrar a não-linearidade no desenvolvimento das ideias na psicologia europeia do início do século XX, perguntava que obras 'marcam' o ano de 1913. Desta forma, inseri o prefácio de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2012) no qual o autor dialoga com as ideias de Wilhelm Wundt ao mesmo tempo em que a turma tinha acesso ao dito manifesto behaviorista de John Watson (1913). Na segunda unidade, buscando abranger dimensões metodológicas, introduzi uma discussão geral sobre riscos e benefícios de métodos quantitativos (Falcão & Régnier, 2000). Para aprofundar aspectos éticos da pesquisa em Psicologia, a experiência de Milgram (1974) sobre obediência à autoridade foi debatida em seu texto original. O texto indicado à leitura incluía o apêndice sobre as questões éticas que sua experiência suscitava (e ainda suscita) e as respostas que Milgram elaborou. Ainda no intuito de demonstrar a simultaneidade na disputa pela hegemonia científica entre diversos autores e abordagens, buscava apresentar a revolução cognitiva (Vasconcellos & Vasconcellos, 2007) iniciada em meados da década de 1970 o que ela representou em termos de guinada epistemológica e metodológica. A avaliação consistiu em um exercício escrito com consulta para a primeira unidade e um ensaio em dupla ou trio abarcando um elemento da segunda unidade escolhido pelo grupo para reflexão.

Os anos seguintes foram marcados por questionamentos sobre como: (a)

inserir mais conteúdos próprios à História da Psicologia no Brasil e na América Latina; (b) articular esses conteúdos históricos às pesquisas em desenvolvimento por cada estudante. Essas interrogações refletem dificuldades de diferentes ordens, por um lado, não sou especialista na área da História da Psicologia e considero que 'ensinando' tenho aprendido mais do que as próprias turmas para as quais lecionei. Por outro lado, o ensino de História da Psicologia na pós-graduação sofre uma certa resistência: os projetos de pesquisas individuais disputam atenção com conteúdos considerados 'antigos' ou 'superados'; além das disputas por hegemonia entre diferentes abordagens desenvolvidas – o que faz com que muitas vezes estudantes se comportem em sala como em um ringue de luta, cabendo a docente mediar os conflitos para que a sala de aula mantenha sua característica de espaço seguro de aprendizado.

Tenho persistido em uma posição de não discutir diretamente os projetos de pesquisa de cada estudante nesta disciplina, buscando que o exercício de posicionamento da e na pesquisa aconteça ao longo do curso de forma implícita, por cada estudante, em diálogo contínuo com os debates apresentados em sala de aula. Procuro incentivar um sentimento de pertença ao campo da psicologia em sua diversidade epistemológica e metodológica, acolho as reflexões individuais, sem, no entanto, incentivar um autocentramento. Dois momentos históricos tensos do Brasil foram propícios para a tentativa de fomentar essa pertença grupal na vivência da sala de aula, de forma a maximizar as convergências e minimizar as divergências: o contexto das eleições presidenciais de 2018 e a pandemia de COVID-19.

O ano letivo de 2018 iniciou com o assassinato de Marielle Franco que reverberou muito forte entre docentes e discentes do PPGPsi. O clima que se instalava para eleições foi cada vez mais se deteriorando, culminando em violências diversas no país. Ministrei a disciplina no segundo semestre letivo, identificando que a turma estava com muita dificuldade de concentração, buscando um espaço de diálogo em sala de aula para falar sobre a situação nacional. Levando esse contexto em consideração, busquei articular as discussões metodológicas no processo eleitoral. Solicitei duas atividades avaliativas em pequenos grupos: (1) imagine um cenário de medida implícita para estudo de intenção de voto – eleição para presidente 2018, evidenciando hipótese e instrumentos utilizados, apresentando pequena síntese histórica sobre medidas implícitas na Psicologia; (2) no contexto das *fake news* nas eleições – elaborem uma pergunta e um objetivo de pesquisa. Estabeleçam um método para investigação a partir de técnica qualitativa que foi sorteada em sala de aula (estudo de caso, netnografia, entrevista, grupo focal, análise de imagens, estudo documental). O trabalho deveria apresentar uma síntese histórica da técnica sorteada em sala de aula. Os comentários avaliativos foram em boa parte positivos quanto à possibilidade de canalizar a discussão eleitoral para o aprendizado e exposição à história de utilização de diferentes métodos em Psicologia, com alguns pedidos e reclamações pelo fato de a disciplina não se centrar na discussão dos

projetos de pesquisa individuais que estavam sendo desenvolvidos.

Em 2021, as turmas se confrontavam com o ensino remoto e com o pico de mortes e adoecimento por COVID-19 no Brasil. A desmotivação era alta para estar em aulas síncronas e para realizar as atividades assíncronas. Diante deste cenário, reformulei o objetivo (alçando o método para o centro do debate) e as atividades avaliativas. O objetivo foi proporcionar uma reflexão sobre o percurso de consolidação científica da Psicologia, à luz da discussão sobre os diferentes métodos de pesquisa indicando: as tensões e desdobramentos na construção da Psicologia e seus fios condutores; as diferenças e semelhanças epistemológicas, metodológicas e teóricas existentes nas diferentes perspectivas ou teorias da Psicologia. Contei com colegas que contribuíram apresentando suas perspectivas teórico-metodológicas, mantendo aulas expositivas e discussões síncronas.

Abri uma exceção para explorar os projetos individuais ao mesmo tempo em que elaborei uma atividade a ser realizada pelo grupo todo: confecção de uma linha do tempo das dissertações e teses do PPGPsi no quadriênio 2017-2020, com apoio da ferramenta TimelineJS (<https://timeline.knightlab.com/>). O objetivo desta atividade foi confrontar a turma com a construção criteriosa de uma história a ser contada: tendo em vista que não caberia ilustrar todas as dissertações e teses defendidas no período, era preciso elaborar critérios para seleção sobre o que seria contado e o que seria omitido. A turma de cerca de 20 estudantes foi dividida em trios que discutiram critérios (originalidade metodológica, número de visualizações e/ou download no repertório da universidade, relação com o contexto histórico nacional, entre outros).

O ensaio individual explorou as relações entre a História da Psicologia e os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa delineados no projeto de pesquisa da dissertação discente, interrogando quatro pontos que deveriam ser apresentados no texto: a) que momentos históricos do Brasil/da Psicologia no Brasil são importantes/estão relacionados com o desenvolvimento de aspectos teórico-metodológicos do seu projeto? b) Como sua pesquisa se insere na produção científica do último quadriênio do PPG? c) Há diálogos com a América Latina? Quando iniciaram? d) Quais as perspectivas/desafios futuros da perspectiva teórica/metodológica adotada? A turma avaliou a redação do ensaio individual como mais profícua à formação e a elaboração da linha do tempo como sendo uma atividade original, mas que atingiu em partes o objetivo de unir discentes em um momento de isolamento físico.

História da Psicologia na graduação: Epistemologia e história das teorias psicossociais

O curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco totaliza 4080 horas. A matriz curricular do curso está organizada em seis eixos estruturantes: Eixo 1 – Fundamentos epistemológicos e históricos; Eixo 2

– Fundamentos teórico-metodológicos; Eixo 3 – Procedimentos para investigação científica; Eixo 4 – Fenômenos e processos psicológicos; Eixo 5 – Interfaces com campos afins do conhecimento e Eixo 6 – Práticas profissionais. Este conjunto de eixos está traduzido em disciplinas obrigatórias formam o Núcleo Comum (1620 horas), estágios obrigatórios (660 horas), disciplinas complementares que formam o Núcleo Optativo (900 horas) e disciplinas eletivas e atividades complementares que foram o Núcleo Eletivo (900 horas).

Os conteúdos ligados à História da Psicologia fazem parte das disciplinas complementares do Eixo 1 – Fundamentos epistemológicos e históricos. Neste eixo são ofertadas três disciplinas complementares, cada uma com carga horária de 60h: Epistemologia e História da Gênese das Funções Psicológicas; Epistemologia e História das Teorias Psicanalíticas e Epistemologia e História das Teorias Psicosociais (EHTP). A primeira tem como ementa: *Empirismo e Positivismo. A Psicologia fisiológica em oposição à introspecção. A revolução behaviorista. O estudo da consciência. A Gestalt versus os estudos elementaristas. Fontes de comparação: o animal, a criança e o patológico. A concepção de sujeito e de cientificidade.* A segunda prevê como ementa *Percorso de Freud na descoberta do inconsciente. Rupturas epistemológicas psicanalíticas: questionamentos à filosofia, à psiquiatria, à psicologia e à ciência. Do movimento à instituição psicanalítica e seus impactos epistemológicos. Contribuição de outros saberes na construção do saber psicanalítico. Psicanálise e a ordem ético-política.* E a terceira (EHTP) tem como ementa: *As tensões da Psicologia Social ao longo de sua história. Teorias psicosociais contemporâneas e seus embates face a diferentes concepções de sujeito, a relação sujeito-sociedade e a relação indivíduo-coletividade.*

Essas disciplinas possuem uma oferta flutuante, variando de semestre a semestre em função do planejamento do departamento e assim como as disciplinas obrigatórias, não possuem pré-requisitos (com exceção dos estágios específicos). A abertura para receber estudantes em quaisquer semestres que estejam cursando da graduação em Psicologia se justifica a partir de uma concepção da construção do conhecimento científico na formação acadêmica ‘em espiral’: um constante repreender a partir dos conhecimentos prévios, uma constante transformação sem que seja possível estabelecer fixamente um ápice a ser atingido (Gomes, 2008). Cada estudante deve cursar ao menos uma disciplina complementar por eixo, garantindo diversidade na formação e autonomia na construção da sua trajetória acadêmica.

Dentre essas três disciplinas complementares, tive a experiência de ofertar EHTP em diversas ocasiões desde 2015. Uma das características fundamentais dessa disciplina é a presença de estudantes com diferentes trajetórias dentro do curso de graduação (às vezes de outras graduações), o que enriquece as trocas entre docentes e discentes em função do ‘momento’ em que discentes e docentes se encontram na ‘espiral do conhecimento’. A oferta de EHTP tem sido um campo de iniciação à docência, pois para realização de cada curso, tenho contado com uma

equipe pedagógica composta por estudantes de graduação realizando Monitoria e estudantes de pós-graduação em Estágio de Docência. O Estágio de Docência pode ser ofertado para estudantes de Mestrado e Doutorado, a resolução interna da universidade admite duas vagas de estágio em disciplinas de 60h, porém para essa disciplina tem sido comum apenas um(a) estagiário(a). Para Monitoria, não há um limite, cabendo a cada docente delimitar o quantitativo de discentes. Ressalta-se que a graduação pode ofertar uma bolsa de Monitoria enquanto o Estágio de Docência não recebe um incentivo financeiro. Como critérios de admissão ao estágio e à monitoria, adoto a ordem de manifestação de interesse: estudantes costumam me procurar ao final do curso na graduação e na pós-graduação, explicitando ter como projeto o engajamento na equipe pedagógica para o semestre seguinte.

Considero o exercício de iniciação à docência imprescindível para estudantes de graduação que vislumbram seguir estudos de pós-graduação, assim como para estudantes de pós-graduação que devem desenvolver habilidades da prática pedagógica. A equipe pedagógica se engaja com a preparação do curso: reelaborando objetivos, reorganizando leituras e conteúdos, construindo novas atividades, discutindo critérios de avaliação. O(a) estagiário(a) docente do Mestrado planifica até 14h/a de intervenção em sala e até 30h/a se é discente do Doutorado. Estudantes de graduação trabalham 12h semanais divididas em leituras, presença em sala de aula e reuniões da equipe. As reuniões semanais costumam ser um momento rico para comentários sobre o desenrolar do curso, comentários sobre acontecimentos em sala de aula, antecipação de possíveis desafios pedagógicos e acompanhamento das atividades propostas.

Desde a minha primeira oferta em 2015, mantive o objetivo da disciplina que é possibilitar uma reflexão sobre o percurso histórico das teorias psicossociais no que se refere: às tensões e desdobramentos teóricos e metodológicos na construção da psicologia social; às diferentes concepções de sujeito e sociedade e da relação do sujeito com a sociedade, que fundamentam as diversas teorias psicossociais; às diferenças e semelhanças epistemológicas, metodológicas e teóricas existentes entre teorias psicossociais. Todavia, tenho buscado aperfeiçoar as formas de apresentar, discutir e avaliar os conteúdos explorados em EHTP.

O conteúdo programático procura integrar definições conceituais e aspectos histórico-contextuais do surgimento daquele conceito e/ou teoria, em especial sobre os aspectos metodológicos que levaram a sua construção. Costumo dar especial destaque à biografia de autores(as) e história institucional tendo em vista que a História da Psicologia é contada de forma geral sem que saibamos como e por que determinado(a) pesquisador(a) estava em determinado grupo ou instituição (Pétard et al., 2001). Os conteúdos programáticos têm sido divididos em unidades: Unidade I – Epistemologia e história da psicologia: questões conceituais; Unidade II – Dos primórdios da psicologia social à revolução cognitiva: sujeito racional ao sujeito sociocultural e Unidade III – Os últimos 40 anos da Psicologia Social, questões

globais e locais.

Na primeira unidade são discutidos os conceitos de epistemologia e como podemos retraçar a história da Psicologia Social a partir de três textos: Farr (2010), Gergen (2008) e Doise e Valentim (2015). O objetivo desta unidade é debater sobre as diferentes formas de se contar a história da psicologia social. Costumo adotar a perspectiva dos níveis de análise de Doise e Valentim (2015) como fio condutor para interrogar o desenrolar, os limites e alcances de teorias psicossociais que são abordadas nas unidades seguintes.

Na segunda unidade, são discutidos teorias e conceitos que sustentaram a visão de um sujeito racional e racionalizante na Psicologia Social: atitudes (Lima, 2004), dissonância cognitiva (Festinger, 1975) e teoria da ação racional e da ação planejada (Moutinho & Roazzi, 2010). Esta unidade enfatiza a importância do conceito de atitudes para o desenvolvimento da Psicologia Social ao longo do século XX e suas contribuições metodológicas que extrapolaram o campo da psicologia – como a utilização da escala Likert. Na tentativa de aproximar estudantes do debate metodológico, argumento sobre como Thomas e Znaniecki em 1920 apostaram na interdependência entre organização social, cultura e indivíduo que “torna inevitável considerar determinantes objetivos e subjetivos da vida social” (Álvaro & Garrido, 2006, p. 76), desenvolvendo um estudo plurimetodológico de cerca de oito anos sobre a vida de imigrantes poloneses nos Estados Unidos.

Uma dificuldade do ensino de história da psicologia é a recorrente interrogação de estudantes sobre ‘em que esse conceito ‘datado’ vai ser útil na minha prática profissional?’. Uma estratégia de sensibilização para a importância da história, têm sido atividades práticas de aplicação de um conceito estudado, buscando explorar alcances e limites de leitura da realidade. Por exemplo, nesta unidade, para ilustrar limites e alcances da teoria da dissonância cognitiva, costumo solicitar como atividade avaliativa, que estudantes em dupla ou trio identifiquem experiências de dissonância cognitiva bem como estratégias de redução preconizadas por Festinger para o personagem principal do filme *Tolerância Zero*.

Para discutir a teoria da ação planificada, já solicitei que estudantes construam uma ação educativa para a amamentação que não seja centrada na dimensão cognitiva da intenção comportamental (crenças, informações sobre benefícios do leite materno, por exemplo) como costumamos encontrar na literatura. Em especial, tenho discutido como a intenção comportamental aparece (visão de sujeito racional?) em campanhas de saúde (amamentação, uso do preservativo) e qual o lugar da psicologia na formulação de estratégias eficazes de comunicação que questionem preconceitos e produzam mudanças no pensamento social. O final da segunda unidade é marcado pela discussão sobre processamento de informação na Psicologia Social, com destaque para atribuição causal. Apresento o texto de Moscovici (1986) intitulado *A era das representações sociais*, no qual ele discute que o personalismo ou erro fundamental na atribuição causal não deveria ser concebido

como um erro no processamento de informação, mas como uma espécie de ‘acerto cultural’ em uma sociedade que responsabiliza indivíduos na busca por soluções de problemas que na verdade são societais (o desemprego, por exemplo). Para uma aproximação com o contexto brasileiro, discutimos o texto de Marques e Coleta (2010), explorando o fenômeno da violência contra mulheres.

Na terceira unidade, procuro focar nos grandes debates globais e locais dos últimos 40 anos, com destaque para a consolidação da Psicologia Social na América Latina (Jacó-Vilela et al., 2016; Martín-Baró, 1997) e para a discussão sobre preconceito e discriminação racial na Psicologia Social. Os fenômenos do preconceito e da discriminação racial permitem traçar historicamente os níveis de análise (por exemplo, intraindividual na teoria da frustração-agressão) ao mesmo tempo em que apresento perspectivas brasileiras (Lima & Vala, 2004; Pereira & Souza, 2016), que exploram um nível de análise societal ao introduzir as relações de poder como chave explicativa da expressão da discriminação, além de apontarem para a importância do contexto e das normas antipreconceito. Considero essa problematização uma ilustração de *ciência nativa* (Jacó-Vilela, 2012), buscando usar o prisma local para questionar a colonialidade nas ciências humanas: “graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas com um modelo único, universal e pretensamente objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente” (Walsh et al., 2018, p. 3).

A pandemia de COVID-19 exigiu ajustes em termos de processos avaliativos. Conforme relatei, em cada unidade costumo elaborar atividades práticas (em dupla ou trio) de articulação teoria-fenômeno para discussão sobre alcance de conceitos e considero essa atividade como parte da avaliação. Ao longo do ensino remoto, constatei a diminuição do número de estudantes que estavam se concentrando em cursar as disciplinas obrigatórias. Com menos estudantes em ‘sala de aula’, solicitei um ensaio escrito individual a partir da construção de uma questão norteadora sobre a história de um conceito/teoria da Psicologia Social. Essa atenção mais detalhada na graduação foi avaliada positivamente pela turma, pois o envio do ensaio foi acompanhado paulatinamente pela equipe pedagógica com datas para entrega de parciais e orientação sobre qualidade da redação do texto acadêmico.

O tempo não para: transversalidades no ensino graduado e pós-graduado de História da Psicologia

Procuro iniciar o semestre da graduação e da pós-graduação com a mesma atividade: a realização em grupo de uma linha do tempo da Psicologia para a pós-graduação e da Psicologia Social para a graduação. Para isso, levo material como papel A3, lápis e canetas. O objetivo é que os grupos restituam não só a sua própria linha do tempo, mas as negociações que fizeram para adição ou subtração de um nome, de uma data, de um evento, de uma teoria. Observo durante a discussão com as turmas, alguns pontos em comum sobre a realização desta tarefa:

(a) a dificuldade em datar autores/as no desenrolar do tempo, (b) não saber ‘por onde começar’ e nem ‘quando terminar’; (c) não conseguir situar o pensamento de mulheres e de pessoas negras na história da Psicologia (Social); (d) a construção de linha com uma suposta sucessão e superação de ‘paradigmas’. Por exemplo, uma representação linear da história (a Psicanálise ‘vem depois’ do behaviorismo) e a atribuição das contribuições de Vygotsky na década de 1970 (confundindo tempo de elaboração das ideias conceituais e tempo de sua difusão). Esse exercício aproxima as turmas do tema, identificando lacunas que podem ser molas propulsoras de um aprendizado ativo por cada estudante. Esse primeiro exercício é a ocasião de aquecer o debate para a importância da contextualização: que história vamos contar? Quem são os protagonistas? O que será omitido? O tempo de criação das ideias é o mesmo tempo da penetração dessas ideias na comunidade científica? Qual a importância de conhecer datas, lugares, instituições?

Como forma de melhor me apropriar dos conteúdos programáticos e de ofertar aulas expositivas com recursos didáticos mais atrativos para as turmas, decidi construir uma linha do tempo (<https://prezi.com/view/PwSyF6zO4KBzdztYoKtE/>) com auxílio do software Prezi, a partir de textos indicados para leitura e de outros textos que alimentam as discussões e que gosto de nomear ‘textos ocultos’. Esse recurso permite gerar apresentações de slides não lineares, inserir vídeos, figuras e outros elementos que podem aumentar a atratividade visual de uma aula. A linha do tempo começa com uma reflexão mais ampla sobre o que significa estudar e falar sobre história da Psicologia e não reflete necessariamente uma linearidade temporal (há idas e voltas na apresentação).

Nas duas disciplinas tenho utilizado recurso de filmes para ilustração de conceitos e/ou contextos históricos, com destaque para *Mon Oncle d’Amérique* na pós-graduação e *Tolerância Zero* na graduação. A experiência de Milgram sobre obediência à autoridade é ilustrada a partir do documentário francês *Le jeu de la mort* (Vaidis & Codou, 2011) que replica em 2010, os cenários experimentais dentro de um programa de auditório fictício. A discussão sobre ética na pesquisa em seus aspectos históricos é assim um ponto comum que tem despertado bastante interesse nas turmas.

Considerações finais

Este relato convida à reflexão sobre o papel do ensino da história na formação de psicólogos(as) e pesquisadores(as), apresentando desafios e transformações da minha prática docente ao longo dos anos e as especificidades da docência na graduação e na pós-graduação. Procurei ilustrar a importância de um ensino que valorize a reflexão crítica e a contextualização histórica da Psicologia, considerando suas diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

A exposição das estratégias pedagógicas e das adaptações realizadas ao longo do tempo se alinha à busca por um ensino dinâmico e sintonizado às ne-

cessidades discentes. A adoção de referenciais como a pedagogia freireana e o sociointeracionismo fortalece a autonomia discente e estimula um olhar reflexivo sobre os processos históricos da Psicologia, rompendo com uma visão linear da história da Psicologia, promovendo uma perspectiva mais crítica e dialógica. Além disso, a diversidade de estratégias metodológicas – como o uso de linhas do tempo, filmes, debates e atividades avaliativas inovadoras – torna o ensino mais engajador e contextualizado, favorecendo uma aprendizagem ativa.

Os desafios da docência, entretanto, persistem. A resistência ao ensino da História da Psicologia na pós-graduação, a necessidade de maior integração da produção ibero-americana e brasileira no currículo e a constante adaptação a novas demandas educacionais são questões que exigem reflexão contínua.

Dessa forma, o ensino da História da Psicologia se apresenta como um campo em constante transformação, exigindo adaptações e inovação. O tempo não para e a prática educativa também não deve se estagnar. A continuidade desse processo reflexivo fortalece a formação acadêmica, incentivando um olhar crítico sobre o passado e seu impacto no presente e no futuro da Psicologia.

Referências

- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). *Psicologia Social. Perspectivas psicológicas e sociológicas*. McGraw-Hill.
- Bernardes, J. de S. (2012). A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: Alguns desafios atuais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 216–231. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500016>
- Bock, A. M. B. (2015). Perspectivas para a formação em psicologia. *Psicologia: Ensino e Formação*, 6(2), 114–122. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Bruner, J. S. (1997). *Atos de significação*. Artmed.
- Bussab, V. S. R. (2000). Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: A adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(2), 233–243. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000200004>
- Cambaúva, L. G., Silva, L. C. da, & Ferreira, W. (1998). Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3, 207–235. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200003>
- Camino, L., & Torres, A. R. R. (2011). Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Eds.), *Psicologia social: Temas e teorias*. (pp. 31–108). Technopolitik.

- Doise, W., & Valentim, J. P. (2015). Levels of Analysis in Social Psychology. In J. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (2a ed., Vol. 13, pp. 899–903). Elsevier. (Original publicado em 1980)
- Engelmann, A. (2002). A psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 1–16. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100002>
- Falcão, J. T., & Régnier, J.-C. (2000). Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: Riscos e benefícios para o pesquisador. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 81(198), Article 198. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.81i198.937>
- Farr, R. M. (2010). *Raízes da psicologia social moderna* (11a ed). Editora Vozes.
- Ferreira, A. A. L. (2007). O múltiplo surgimento da Psicologia. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Eds.), *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (pp. 13–46). Nau.
- Festinger, L. (1975). *Teoria da Dissonância Cognitiva*. Zahar.
- Figueiredo, L. C. (2007). *A Invenção do Psicológico: Quatro Séculos de Subjetivação 1500-1900* (7a ed). Editora Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2014). *Matrizes do pensamento psicológico* (20a ed). Editora Vozes.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Freud, S. (2012). *Freud (1912-1914) - Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Companhia das Letras.
- Gergen, K. J. (2008). A psicologia social como história. *Psicologia & Sociedade*, 20, 475–484. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300018>
- Gomes, W. (2008). História da Psicologia para curso de graduação. In R. H. de Freitas (Ed.), *História da psicologia pesquisa, formação, ensino* (pp. 115–124). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Guedes, M. do C. (2008). História da Psicologia: Recurso para formação de pesquisadores e de psicólogos. In R. H. de Freitas (Ed.), *História da psicologia pesquisa, formação, ensino* (pp. 125–133). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Jacó-Vilela, A. M. (2012). História da Psicologia no Brasil: Uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 28–43.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>

Jacó-Vilela, A. M., Degani-Carneiro, F., & Oliveira, D. de M. (2016). A formação da psicologia social como campo científico no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 526–536. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p526>

Köhler, W. (1978). O problema mente-corpo. In A. Engelmann (Ed.), *Wolfgang Kohler: Psicologia* (pp. 129–147). Ática.

Lewin, K. (1973). O estado atual da Psicologia. In *Princípios de Psicologia Topológica* (pp. 19–23). Cultrix.

Lima, L. P. (2004). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (pp. 187–226). Fundação Calouste Gulbenkian.

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401–411. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

Marques, T. M., & Coleta, M. F. D. (2010). Atribuição de causalidade e reações de mulheres que passaram por episódios de violência conjugal. *Temas Em Psicologia*, 18(1), 205–218. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2010000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Martín-Baró, I. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(1), 7–27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>

Massimi, M. (2007). O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Eds.), *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (pp. 159–168). Nau.

Milgram, S. (1974). *Obediência à autoridade*. HarperCollins.

Moscovici, S. (1986). *L'ère des représentations sociales*. In W. Doise & A. Palmonari (Eds.), *L'étude des représentations sociales* (pp. 34–80). Delachaux & Niestlé.

Moscovici, S. (1988). *El campo de la psicología social*. In S. Moscovici (Ed.), *Psicología Social: Vol. I* (pp. 17–37). Paidós.

Mota, A. M. D. G. F., Cara, B. dos S., & Miranda, R. L. (2018). História da Psicologia, por quê? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(4), Article 4. <https://doi.org/10.12957/epp.2018.42222>

Moutinho, K., & Roazzi, A. (2010). As teorias da ação racional e da ação planejada: Relações entre intenções e comportamentos. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 279287. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712010000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

- Pereira, C. R., & Souza, L. E. C. de. (2016). Fatores Legitimadores da Discriminação: Uma Revisão Teórica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, e322222. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e322222>
- Pétard, J.-P., Kalampalikis, N., & Delouvée, S. (2001). Les histoires de la psychologie sociale dans ses manuels. *Les cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 51–52, 59. <https://shs.hal.science/halshs-00495045>
- Rosas, P. da S. (2010). O dilema da Psicologia Contemporânea. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 42–90. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500003>
- Skinner, B. F. (1976). O difícil e tortuoso caminho que conduz à ciência do comportamento. In R. Harré (Ed.), *Problemas da revolução científica: Incentivos e obstáculos ao progresso das ciências* (pp. 75–90). Itatiaia.
- Souza Junior, E., Lopes, M. G., & Cirino, S. D. (2007). A reflexologia soviética: Séchenov, Pavlov e Bechterew. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Eds.), *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (pp. 169–194). Nau.
- Tourinho, E. Z. (2011). Notas sobre o Behaviorismo de ontem e de hoje. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 186–194. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000100022>
- Vaidis, D., & Codou, O. (2011). Milgram du laboratoire à la télévision: Enjeux éthiques, politiques et scientifiques. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, Numéro 92(4), 397–420. <https://doi.org/10.3917/cips.092.0397>
- Vasconcellos, S. J. L., & Vasconcellos, C. T. de D. V. (2007). Uma análise das duas revoluções cognitivas. *Psicologia em Estudo*, 12, 385–391. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200020>
- Walsh, C., Oliveira, L. F. de, & Candau, V. M. (2018). Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. *Education Policy Analysis Archives*, 26, 83–83. <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3874>
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20(2), 158–177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>

Nota sobre a autora

Renata Lira dos Santos Aléssio é graduada e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Psicologia pela Université d'Aix en Marseille I – Université de Provence. Atualmente, é professora do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: renata.lsantos@ufpe.br

Data de submissão: 15.07.2024

Data de aceite: 18.10.2024